CARTA MENSAL

ASSET MANAGEMENT

Setembro - 2023

Visão do Economista.....02

Desempenho Fundos Planner 03

Indicadores do Mercado.....04

Estratégia de Alocação.....05

planner

Visão do Economista

Economia Internacional

À revelia das atas do FOMC do FED e dos discursos, o descrédito e a percepção tardia dos mercados de que as taxas de juros altas seriam mantidas por mais tempo, levaram os Treasuries a altas demasiadas, puxando juros pelo mundo. Foi o FED exportando volatilidade e a dúvida de até quando será necessário mantê-los altos, pois a economia EUA sempre atuou com juros muito baixos. O risco é a recessão estar em 2024 e não 2023.

Apesar da postura hawkish do FED, contrapondo o mercado, as "pausas ou doses" mostraram progressos pouco expressivos, mas longe de deteriorar. O PCE anual agosto 3,5% e Núcleo 3,9%, além CPI anual setembro 3,7% e Núcleo 4,1%, mantém o "higher for longer". Para nova "pausa" em 01/11 contribui o fato entre ADP e Payroll que de forma recorrente mostram por um bom período os reajustes salarias perdendo força.

O crédito ao consumidor em agosto, com queda de US$ 15,6 bilhões, contrário ao consenso e primeira queda pós pandemia, traz à tona percepção na Ata do FOMC 20/9 de que a recente e vigorosa alta dos Yields dos Treasuries de longo prazo pode fazer "a vez" do FED. Alguns discursos dovish nesse sentido trocam "o quanto alta, por quanto tempo". Swaps de juros precificam início corte em setembro 2024.

No momento de definições de "quando iniciar o ciclo de cortes das taxas de juros", já evidente inclusive pelo BCE, a relação Petróleo x Israel x Hamas guarda estrita dependência dos coadjuvantes fronteiriços grandes produtores. O alto risco a partir do Líbano com o Hezbollah e escalada de embates na Cisjordânia, de respostas a Israel, pode comprometer políticas monetárias já bem encaminhadas.

Economia Nacional

No Relatório Trimestral de Inflação (RTI) de setembro o BC reduziu o Hiato do Produto (HP) no 4T23, de -1,5% para -0,8%. Ao conhecermos o PIB Efetivo (PIBE), observável, e compará-lo ao PIB Potencial (PIBP), não observável, por expressar plena utilização dos recursos disponíveis na economia, sem gerar pressões sobre a taxa de inflação, o HP negativo e estreito sugere pouco crescimento e problemas à frente.

O HP permite avaliar a política monetária. Como o PIBP é pouco afetado no curto prazo, alterações nas taxas de juros mostrarão os impactos no HP. Ou seja, o HP negativo menor mostra desinflação esperada mais lenta, o que pode comprometer o ciclo de corte da Taxa Selic e limita atividade. Se considerarmos o "cenário externo mais incerto" enfatizado na Ata Copom 20/9, a taxa de juros terminal para 2024 será reprecificada.

Contudo, a revalidação unânime na Ata para cortes de 0,5% em 2023, e a desinflação observada pode atenuar esse processo. O IPCA-15 de setembro, de 0,35%, contra um IPCA de 0,26%, mostra que os impactos pesados do reajuste da Petrobras nos combustíveis foram absorvidos. Das 9 classes 7 desaceleraram, assim como a deflação em Alimentos, de 0,77%, Índice Difusão 41,7%, de 51%, e média 5 Núcleos 0,27%, de 0,34%.

No contexto Israel x Hamas os coadjuvantes grandes produtores de petróleo podem postergar ainda mais a política monetária restritiva global. Segue-se o risco fiscal por conta da dívida pública e a descrença na arrecadação prevista pelo Arcabouço Fiscal. Com expectativas de Déficit Fiscal 2024 ascendendo a 0,84%, a revisão de não mais Meta Zero 2024 já está sendo precificada.

Desempenho dos Fundos Gestão Planner

Renda Variável

No mês de setembro, seguindo a estratégia de alocação de renda variável, com uma carteira que busca ser defensiva em relação às volatilidades do índice, e ainda gerar alfa, o Fundo Planner Premium FIA entregou o retorno de 1,63%, equivalente a IBOV + 0,93%. O retorno desde o início foi de 17,08% (IBOV + 9,23%). Embora a perspectiva seja de volatilidade, esperamos manter retornos próximos e superiores ao índice, mantendo a estratégia defensiva.

Renda Fixa

No mês de setembro, seguindo a nova estratégia de alocação, mantendo alta liquidez e buscando ativos com rentabilidade acima do CDI, mas com baixo risco de crédito, o Fundo Planner FIM entregou o retorno de 0,99%, equivalente a 101,38% do CDI. O retorno em 12 meses foi de 13,17% (98,00% do CDI) e desde o início de 564,77% (106,45% do CDI). Neste mês, a performance foi melhor do que o esperado pela performance relativamente boa dos títulos públicos indexados à SELIC, especialmente as de prazo mais curto, que tiveram variação maior na marcação a mercado. Nesta linha, a perspectiva segue positiva, com os retornos no ano se aproximando dos 100% do CDI.

Indicadores de Mercado

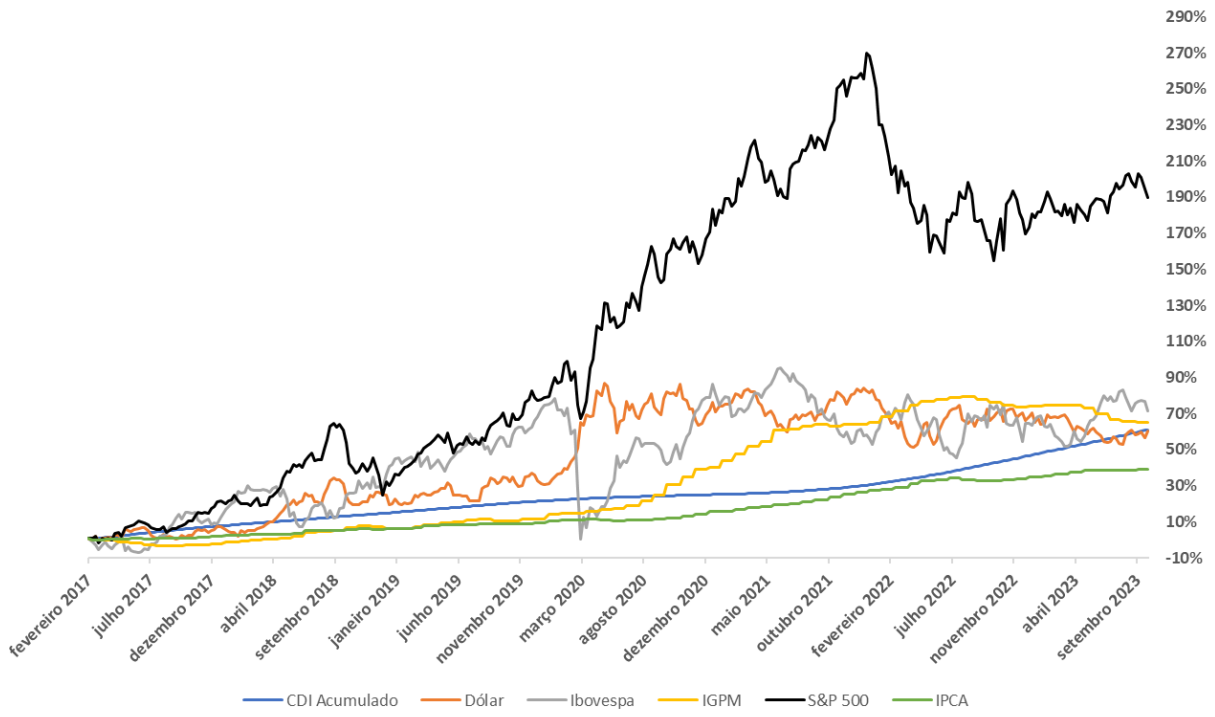
Segue quadro com informações de rentabilidade dos principais indicadores do mercado:

Ativo/Índice	Retorno Setembro 2023	Retorno em 2023	Retorno em 24 Meses	Retorno em 36 Meses	Retorno em 60 Meses
Ibovespa	0,71%	6,22%	5,03%	23,21%	46,91%
S&P 500 (BRL)	-3,22%	7,19%	-8,35%	13,20%	84,04%
CDI	0,97%	9,92%	25,83%	29,62%	42,63%
IPCA	0,26%	3,50%	12,73%	24,28%	31,88%
Dólar PTAX	1,74%	-4,03%	-7,94%	-11,22%	25,07%
IGPM	0,37%	-4,93%	1,79%	27,09%	54,94%

Data Base: 29/09/2023
Fonte: Economatica

O **Gráfico de 5 anos** demonstra o forte desempenho dos índices de ações no longo prazo, com poucos pontos onde o retorno acumulado do Ibovespa tenha sido abaixo do retorno acumulado do CDI, tendo sido em Março/2020 e novamente em Março/2023, onde pode-se verificar que os retornos começaram a se cruzar. Em maio, a rentabilidade do principal índice da bolsa brasileira teve uma rentabilidade superior ao CDI, engatando uma tendência de alta, inclusive, em julho, superando os níveis de 2022. Já a partir daí, vimos um movimento lateral e uma nova baixa em setembro.

Todas as variações em Reais.



Estratégia de Alocação

Estamos acompanhando com atenção especial os movimentos de eventuais turbulências políticas e seus possíveis impactos. Nossa expectativa com a economia global é de cautela no curto prazo em função da persistente instabilidade geopolítica, embora os dados econômicos comecem a trazer um pouco mais de conforto. O aumento dos investimentos em ações e multimercados continua sendo recomendado para os investidores com perfil de moderado a arrojado, e que buscam maior retorno no médio e longo prazo.

No segmento de **renda fixa,** com o fim do aumento da taxa básica de juros, as expectativas para a taxa convergiram para uma queda, o que faz os rendimentos dos ativos pós-fixados e atrelados ao CDI se tornarem um pouco menos atrativos. A nossa visão é que neste nível de taxa e com o movimento atual de redução na taxa de juros, os títulos pré-fixados já demonstram rentabilidades cada vez mais interessantes. Hoje a taxa básica de juros (Selic) está em 12,65% a.a., valor este, superior aos 8,82% a.a. (média praticada nos últimos 10 anos).

Para o segmento de **crédito privado,** o risco se demonstra um tanto mais elevado do que antecipamos, especialmente devido os eventos de liquidação de duas instituições financeiras pelo Banco Central, o que levantou um alerta amarelo no mercado de crédito. Isto não significa que o mercado de crédito privado não está atrativo, no entanto requer mais cautela e minúcia nas análises a fim de reduzir o risco dos investimentos.

No segmento de **multimercado,** consideramos existir oportunidades de geração de resultados positivos em função da extrema versatilidade dos gestores especialistas em juros, moedas, ações e commodities, atuando tanto no mercado local como no exterior. Nesta classe de ativos é possível que o gestor busque ganhos tanto com posições compradas e vendidas, ampliando as oportunidades.

Para o segmento de **ações**, temos uma visão mista. No cenário global, ainda há certa incerteza, embora com um maior alinhamento das expectativas, sobre a inflação e as taxas dos principais mercados. No cenário nacional, com a queda dos índices de inflação e com o início do ciclo de corte de juros, temos uma perspectiva cautelosa para o mercado acionário do país.

O segmento **imobiliário,** em especial os Fundos Imobiliários focados em ativos financeiros (papéis), apresentaram forte recuperação em face dos problemas enfrentados ao final do primeiro trimestre, com a resolução das situações de inadimplência dos CRIs, mediante execução de garantias. Uma temporada de subscrições seguiu, reforçando o movimento de novos investimentos destes fundos. Diante disso, vemos boas perspectivas para a economia brasileira em um cenário de longo prazo, acreditamos que será possível obter ganhos com relativa consistência no setor imobiliário, especificamente nos FIIs.

"Assessoria personalizada, segurança e otimização de resultados com renomados gestores"

Disclaimer: Este relatório foi preparado pela área de Asset Management da Planner Corretora de Valores S.A. por profissional qualificado e está sendo fornecido exclusivamente com o objetivo de informar. As opiniões, estimativas e projeções referem-se à data presente e estão sujeitas às mudanças como resultado de alterações nas condições de mercado, sem aviso prévio. As informações utilizadas neste relatório foram obtidas de fontes públicas, julgadas confiáveis e de boa fé. Contudo, não foram independentemente conferidas e nenhuma garantia, expressa ou implícita, são dadas sobre sua exatidão. Não nos responsabilizamos por quaisquer atos ou decisões tomadas com base neste relatório, nos eximindo de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização desse material e deu seu conteúdo. Nenhuma parte deste relatório pode ser copiada ou redistribuída, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem prévio consentimento da Planner Corretora de Valores S.A.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 3900 - 10º Andar – Itaim Bibi - CEP 04538-132 – São Paulo - SP – (11) 2172-2638